

NIETZSCHE, BILDUNG E A TRADIÇÃO MAGISTERIAL DA FILOLOGIA ALEMÃ

Fabiano de Lemos Britto

UERJ

Welcher Satan hat Sie nur zum Pädagogen gemacht?

Richard Wagner

Na mesma medida em que o pensamento de Friedrich Nietzsche pode ser lido como uma proposta filosófica que pretende ultrapassar sua contemporaneidade, os preconceitos e limites impostos por essa, uma leitura mais atenta de seus textos – especialmente aqueles escritos nos primeiros anos de sua atividade como professor, entre 1869 e 1875 – revela o quanto esse pensamento está amplamente comprometido com todo o percurso precedente da moderna filosofia alemã, remetendo-nos, em última análise, à *Aufklärung*. No que se refere especificamente à sua atividade como professor de filologia em Basileia isso é particularmente evidente. Se levarmos em conta a importância que seu ensino teve em sua formulação geral do conceito de *formação cultural*, *Bildung*, seria, no mínimo, um erro de imprecisão negligenciar as formas tradicionais

das práticas pedagógicas da filologia alemã nas quais Nietzsche pretendeu se integrar, ainda que de forma crítica e muitas vezes hesitante. Nesse contexto, é preciso reconstruir o sentido de dois movimentos: o da herança institucional-ideológica, recolhida por Nietzsche ao assumir sua cátedra e ao se considerar como um *Professor* no círculo de eruditos, e um outro, antípoda, da proposta de reforma da pedagogia e da cultura, elaborada segundo um conceito de *Bildung* que forçava os limites da tradição. Esses dois movimentos não são, absolutamente, independentes, confundindo-se ou tornando-se equívocos em muitos pontos. Se quisermos compreender seus limites próprios, ou seja, determinar, por um lado, o que a primeira filosofia da cultura de Nietzsche deve à tradição magisterial filológica e, por outro, o que ela pretende subverter nessa mesma tradição, é necessário antes reconstruirmos, ao menos sob a forma de esboço, o processo de formação do que veio a se chamar a *Wissenschaft* por excelência das humanidades do século XIX: é necessário compreendermos as condições de emergência da filologia como *Bildung* institucionalizada.

1. ANTECEDENTES INSTITUCIONAIS E IDEOLÓGICOS

O estabelecimento da filologia como disciplina científica por Friedrich August Wolf, no começo do século XIX, não foi a primeira tentativa na Alemanha de compreender o fenômeno da cultura helênica em sua relação com a *Bildung* – uma já então consolidada tradição havia tentado encontrar, entre os gregos, os elementos de uma estética que serviria, no mínimo, de *modelo* a ser imitado pela cultura alemã. É claro, que entre essa primeira tentativa e a transformação de seus valores através de uma metodologia científica e crítica, uma grande ruptura precisaria tomar lugar. Mas é igualmente certo que a assimilação da cultura grega pela literatura e filosofia alemãs possui uma pré-história, na qual os nomes de Johann Joachim Winckelmann, Johann Gottfried Herder e Goethe exercem os papéis de fundadores. Ela se caracteriza, sobretudo, como uma abordagem que dificilmente pode ser considerada científica, se considerarmos aqui os paradigmas modernos¹; mas, exatamente por

(1) Como lembra Christian Emden, “é muitas vezes difícil distinguir entre o conhecimento clássico

esse motivo, terá uma importância fundamental para Nietzsche em seu conflito com a cientifização e a institucionalização que a modernidade levou a planos cada vez mais afastados de uma *experiência da cultura grega* – motivo fundamental para esses primeiros autores. O retorno a essa atitude inicial deverá ser a pedra de toque para uma recuperação do verdadeiro sentido da filologia, deturpado com o desenvolvimento cada vez mais estéril de suas atividades; contra a modernização, Nietzsche exigirá o retorno a esse período: “No tempo de juventude de Winckelmann não existia propriamente um estudo da Antiguidade como no trabalho comum das disciplinas de ganha-pão [Brod erwerbenden Disciplinen] (...)”.² Contra o corpo de professores, convocará, insistentemente, as figuras que Winckelmann, Herder e Goethe – entre outros do mesmo período – representavam: a do *poeta-filólogo*.³

A aproximação levada a termo por Winckelmann em direção aos gregos, especialmente após um longo período em que os romanos dominaram o foco de interesse dos eruditos alemães, foi, sem dúvida, uma ruptura substancial, mas mesmo se considerarmos seu esforço de estabelecer um cânone para a arte antiga é difícil reconhecer em algum de seus livros algo que possa ser considerado uma *crítica sistemática da estética grega*.⁴ O objetivo de escrever uma história da antiguidade

e um ‘filohelenismo’ estetizado” (EMDEN, Ch. J., “The invention of antiquity: Nietzsche on Classicism, Classicality and Classical tradition” in BISHOP, P. (ed.), *Nietzsche and antiquity*, pp. 373.

(2) KSA VIII, 17, fr. 3 [9].

(3) Cf., por exemplo, KSA VIII, 69, fr. 5 [109], em que Nietzsche opõe ao “filólogo-poeta [Poet-Philolog]” o “filólogo objetivo-castrado [objektive-kastrierte Philolog]”, que é também o “filisteu da cultura [Bildungsphilister]”.

(4) Uma introdução histórica da obra de Winckelmann é fornecida por Gerd Bornheim no artigo “Introdução à leitura de Winckelmann” em seu livro *Páginas de Filosofia da arte*, pp. 78-113. Para uma discussão dos aspectos hermenêuticos da obra de Winckelmann, o artigo de Thomas Kaufmann “Antiquarianism, the History of Objects and the History of Art before Winckelmann” in *Journal of the History of Ideas*, Vol. 62, No. 3 (Jul., 2001), pp. 523-541 é uma referência importante. Algumas informações relevantes quanto à influência de Winckelmann sobre a geração posterior, especialmente em Hölderlin, podem ser lidas no texto de Philippe Lacoue-Labarthe, “Hölderlin et les grecs” in *Poétique*, n.40 (Nov. 1979), pp. 465-474.

que não fosse uma “simples consideração da ordem cronológica e da diversificação [Erzählung der Zeitfolge und der Veränderung] desta <da arte>”, mas, antes, uma “tentativa de esquematização [Versuch eines Lehrgebäudes]”⁵ é raramente cumprido se pensarmos que essa esquematização não constituiu uma crítica dos fundamentos da estética. Seu trabalho se localiza no limite entre uma descrição empírica das obras de arte gregas – aquilo que Thomas Kaufmann chama de *Antiquarianismo* [Antiquarianism]⁶ e que representou efetivamente seu legado para as gerações posteriores – e uma avaliação da *especificidade da arte grega* devedora de uma antropologia naturalista próxima, por exemplo, da de Edmund Burke e seu *A philosophical enquiry into the origin of our ideas of the sublime and beautiful* (1759).⁷ Movido pelas mesmas especulações, Herder avança um grande passo para além de Winckelmann quando pretende reconhecer na história cronológica da humanidade aquilo que a ergue à condição de *história universal* e que vê, através de toda a sucessão dos fatos e dos povos a unidade de um *princípio* de desenvolvimento. A esse princípio Herder denominou *humanitas*⁸ e pôde, através dele, propor uma semelhante unidade entre a Grécia e a Alemanha, ambas detentoras, originalmente, de um mesmo “gênio da natureza” ou de um mesmo “estilo de vida [Lebensart]”.⁹ Sob esse aspecto, a importância de Herder é fundamental para toda uma tradição de eruditos alemães que intentou ver no grego o duplo do espírito alemão – tradi-

(5) WINCKELMANN, J. J., *Geschichte der Kunst der Alterthums* (1764) in *Sämtliche Werke* – Dritte Band, p. 9.

(6) KAUFMANN, Th., *loc. cit.*, *passim*.

(7) A segunda seção de sua *Geschichte der Kunst der Alterthums*, por exemplo, é dedicada à descrição do modo como o desenvolvimento da arte pode ser deduzido da evolução das representações plásticas das partes do corpo humano. A seção seguinte avalia a influência do clima na especificidade das nacionalidades ao longo da história. Em Burke, seções intituladas, por exemplo, “Por que a lisura é bela” ou “Os efeitos do negro” parecem ter sido compostas aproximadamente segundo a mesma perspectiva antropológico-naturalista.

(8) Cf. sobre esse ponto GIRARDOT, Rafael G., *Nietzsche y la filología clásica*, pp. 14 e ss.

(9) HERDER, J. G., *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit* – Bd. 2, p. 104.

ção que indiscutivelmente inclui Nietzsche. Certas passagens de Herder parecem ilustrar precisamente a insatisfação que aquele expressou tão amplamente, tanto em seus textos quanto em suas aulas de filologia:

“A língua alemã, por exemplo, inquestionavelmente, perdeu muito de sua flexibilidade intrínseca, de seu desenho [Zeichnung] preciso na flexão das palavras, e ainda mais daquele som vivo [lebendigen Schall] que tinha antigamente, no mais favorável clima [Himmelsstrichen]. Antes, era uma irmã próxima da língua grega, agora, quão longe desta ela se formou [gebildet]!”¹⁰

Winckelmann e Herder representaram, assim, as primeiras tentativas de uma leitura dos gregos naquilo que os fazia, ao mesmo tempo, únicos e familiares. O que Goethe assumiu dessa compreensão foi assimilado em sua obra na idéia geral de uma *experiência* da arte grega. Aquilo que a especulação sobre a cultura helênica poderia fornecer à *Kultur* não era tanto a ciência, mas a *Idéia* da arte grega, que não pode ser *conhecida*, mas diante da qual devemos *agir*.¹¹ O que o trabalho de Winckelmann deixará como herança para sua atividade artística e mesmo científica não é seu método – que, em ciência é sempre *provisório*¹² – mas a descrição precisa, viva, que seus escritos produziram das obras de arte da antiguidade. É a essas descrições que Goethe recorrerá, ao longo de sua viagem à Itália, quando se encontrar frente a frente com o estatuário romano antigo.¹³ A leitura de sua obra não deixa

(10) *Idem*.

(11) Cf. GOETHE, *Maximen und Reflexionen*, § 408, em que afirma que sua “convicção” a respeito dos impasses da ciência é a de que “nesses níveis mais altos, não é possível *saber*, e, pelo contrário, é necessário *fazer* (...)”.

(12) Cf. GOETHE, *Maximen und Reflexionen*, § 426: “No alargamento do saber às vezes se faz necessário uma reordenação [Umordnung], ela acontece, na maior parte dos casos, segundo novas máximas, mas permanece sempre provisória [provisorisch]”.

(13) Cf., por exemplo, GOETHE, *Italienische Reise* (1816-1817) in *Sämmtliche Werke in dreissig Bänden* – Band 19, pp. 147-148. (Stuttgart e Tübingen: Cotta, 1851).

dúvidas quanto á importância da ciência – tendo ele mesmo se interessado por esse campo, especialmente em investigações de ciências naturais (geologia e física, sobretudo) – mas esta é sempre encarada com muitas reservas e como um *meio* para a obtenção de algo maior, que é a *cultura*. Há aí uma subordinação clara da metodologia científica sob a idéia de *Bildung* ou *Kultur*, que orientou também sua visão da antiguidade. Nesse sentido, as conseqüências que Goethe pôde retirar de seu idealismo foram incorporadas por Nietzsche na defesa de uma reforma da filologia, que seria reconduzida, assim, a seu modelo pré-moderno, propriamente *clássico*. Inúmeros fragmentos póstumos, especialmente da primeira metade da década de 1870, revelam a importância do classicismo goetheano como modelo para a reestruturação da filologia na universidade.¹⁴ Essa é a chave hermenêutica do elogio que se faz a Goethe e a Schiller de forma especialmente enfática nas conferências sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino proferidas em 1872.¹⁵

(14) Goethe aparece ora como o “poeta-filólogo” (KSA VIII, 44, fr. 5 [17]), ora como “o maior acontecimento [Ereignisse]” da história da Filologia, ao lado de Schopenhauer e Wagner (KSA VIII, 34, fr. 3 [70]). O retorno ao classicismo de Goethe esteve também orientado segundo outras afinidades. Em *Maximen und Reflexionen*, obra citada muitas vezes ao longo das *Considerações Extemporâneas*, o filólogo aparece como alguém que, pelo contato com os antigos, adquire o direito de ousar um juízo a respeito do gosto [wenn er sich auch ein Urteil bei Geschmackssagen zutraut], mesmo que nem sempre esteja correto. As opiniões de Goethe a respeito dos professores e da atividade docente em geral também encontrarão seus ecos em Nietzsche: “Como quer alguém aparecer como mestre em sua matéria [Fach] quando não ensina nada de inútil!” (§ 445, *Maximen und Reflexionen*); ou ainda: “Sem dúvida, o mais valoroso professor de física seria aquele que pudesse revelar, através da concepção [Anschauung], a nulidade [Nichtigkeit] de seu compêndio e suas figuras, colocando-os contra a natureza e contra a mais alta exigência do espírito” (§ 444, *Idem*).

(15) Ambos os nomes aparecem inúmeras vezes nas conferências, sempre de forma semelhante à seguinte: “Mas antes que a mais nobre necessidade [Bedürfnis] de tal espírito alemão parta com ímpeto ardente para os gregos, antes que se consiga a difícil visibilidade da pátria grega, na qual Schiller e Goethe se aventuraram, para que ela se torne o lugar de peregrinação dos mais bem dotados homens, a finalidade cultural clássica [das klassische Bildungsziel]do Gymnasium fultuará para lá e para cá no vento, desestruturada, (...)” (KSA I, 695).

Contudo, a formalização da abordagem dos gregos e romanos sob as determinações metodológicas de uma ciência da antiguidade, *Alterthumswissenschaft*, só pôde ser efetivada na Alemanha com o ultrapassamento dessa atitude ainda excessivamente poética, mimética ou descritiva. Foi preciso que Wolf, na passagem do século XVIII para o XIX, investisse a arte antiga como objeto de estudo científico, e para isso substituísse as descrições e discussões de ordem artísticas da estética greco-romana por uma crítica inspirada no modelo kantiano, que visava, antes de mais nada, sondar as condições de emergência dessa estética, tanto histórica quanto filosoficamente. A revolução copernicana de Wolf assinala, assim, o início da filologia clássica como ciência na Alemanha. A grande maioria dos manuais, histórias e enciclopédias de filologia que serviam de referência no século XIX é unânime em instituí-la como responsável pela modernização dos estudos sobre a antiguidade. Barthold Georg Niebuhr, a quem Nietzsche dirigiu muitas de suas críticas, mas que em certos momentos parecia respeitar, caracteriza Wolf como “o herói e o epônimo para o gênero [Geschlecht] da filologia alemã”.¹⁶ As *Grundlinien zur Enzyklopädie der Philologie* (1832), de Gottfried Bernhardt, que havia sido aluno nos últimos anos de ensino de Wolf, consideram-no o primeiro a compilar o conhecimento a respeito dos antigos segundo os critérios de um “bem-articulado [wohlgegliederten] Organismus, que recebeu o nome de *Ciência da Antiguidade* [Alterthumswissenschaft]”.¹⁷ Friedrich Creuzer, contemporâneo de Nietzsche – e cuja obra *Symbolik* parece ter sido de grande relevância para a concepção do dionisíaco em *O nascimento da tragédia*¹⁸ – inclui Wolf entre os que inauguraram uma “crítica visionária [sichtenden Kritik]”.¹⁹ Mesmo com uma certa reserva quanto à conceitu-

(16) Citado em FLASHAR, H., “Die methodisch-hermeneutischen Ansätze von Friedrich August Wolf und Friedrich Ast” in FLASHAR, H. et al. (hrsg.), *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert*, p. 21.

(17) BERNHARDY, G., *Grundlinien zur Enzyklopädie der Philologie*, p. 20.

(18) Cf. ANDLER, Ch., *Nietzsche, sa vie et sa pensée.*, vol I, pp. 403-409.

(19) CREUZER, Fr., *Zur Geschichte der Classischen Philologie* (1854), p. 8.

alização de Wolf²⁰, Nietzsche mesmo não discorda a respeito de sua relevância e seriedade para os estudos de filologia. Quando seu nome é citado nas conferências sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino é sempre com evidente reverência. Referindo-se ao tempo em que o *Gymnasium* tinha um valor oposto ao de sua atualidade, Nietzsche recorre à figura de Wolf e à ruptura que significou seu trabalho:

*“Era o tempo de nossos grandes poetas, quer dizer, daqueles poucos alemães verdadeiramente cultivados [gebildeten Deutschen], em que o grande Friedrich August Wolf conduziu o novo espírito clássico da Grécia e de Roma, que vinha através desses homens, ao Gymnasium; sua iniciativa ousada conseguiu estabelecer uma nova imagem [Bild] dos Gymnasiums que não deveria ser mais, a partir de então, somente um canteiro da ciência, mas deveria ser, sobretudo, o lugar sagrado para toda cultura [Bildung] mais alta e mais nobre”.*²¹

De fato, as acusações levantadas por Nietzsche contra a filologia raramente chegavam a tangenciar seu formulador e fundador. A tentativa de reforma que este havia tentado empreender havia sido, em si mesma, louvável, e talvez, ao menos aos olhos de Nietzsche, não tão distante do espírito poético com que seus predecessores idealizaram a antiguidade. O destino que sua cientifização havia seguido, contudo, resultando em um corporativismo estéril, é que o decepcionava e sustentava a legitimidade de suas propostas para uma nova *Bildung*.²² Mesmo muito tempo depois, já afastado de sua atividade docente, o respeito e a admiração por Wolf permanecem intocados.²³

(20) Cf., por exemplo, KSA VIII, 15-16, fr. 3 [5], em que Nietzsche critica a terminologia de Wolf.

(21) KSA I, 689, segunda conferência.

(22) Em sua terceira *Consideração Extemporânea, Schopenhauer como educador*, Nietzsche inclui uma passagem que ilustra a insatisfação com o destino reservado ao projeto de Wolf: “A Antiguidade clássica se transformou em uma Antiguidade qualquer (...) como provam seus jovens, que, verdadeiramente, não são a quaisquer desses homens comparáveis. Para onde voou o espírito de Friedrich August Wolf (...)?” (KSA I, 424).

(23) Cf., por exemplo, um fragmento de 1885, em que Nietzsche, já desacreditado da possibilidade de uma reforma cultural, ainda sustenta o valor do trabalho de Wolf: “O melhor que a Alemanha teve foi sua linhagem crítica [kritische Zucht] – Kant, F. A. Wolf, Lessing, Niebuhr etc. Resistência

Além disso, a importância da consolidação científica da filologia pôde evidenciar a conexão íntima entre essa disciplina e a idéia geral de *Bildung*. Organizada segundo os critérios seguros da metodologia científica, a filologia representa, de uma forma bem ampla, o modelo ideal de uma *prática de leitura*, e, por extensão, de uma prática dos estudos científicos em geral. É por esse motivo que muito rapidamente a filologia clássica passará a funcionar nos estabelecimentos de ensino como o domínio de uma propedêutica para a *Bildung*, que, entre os modernos, só poderia ser obtida segundo procedimentos científicos. Não é estranho, assim, que, ao longo de todo o século XIX, as grandes questões pedagógicas tenham sido erguidas a partir dos domínios da ciência da Antiguidade.²⁴ O interesse científico pelos antigos era despertado nos jovens desde cedo não apenas pelo grande número de exercícios de grego e latim que se exigiam no *Gymnasium*, mas também pelas discussões de caráter metodológico que os alunos desses estabelecimentos deveriam acompanhar, através de publicações especializadas.²⁵ Parece correto, portanto, afirmar, como o fez Nicholas Davey, que “durante toda a vida de Nietzsche a filologia foi comparável a uma *Geistwissenschaft* multi-disciplinar e composta”.²⁶ Wolf havia

do ceticismo. – Audácia mais forte e mais resoluta, a segurança da mão que guia a faca, prazer na negação [Neinsagen] e na dissecação [Zergliedern]. Contra-movimento [Gegenbewegung]: os românticos, com Richard Wagner como último romântico (patético - - -.” (KSA XI, 496, fr. 34 [221]).

(24) Periódicos como *Archiv für Philologie und Paedagogik*, *Jahrbücher für Philologie und Paedagogik* e *Neue Jahrbücher für Philologie und Paedagogik* são alguns exemplos que atestam a conexão entre a filologia e as reflexões – pragmáticas ou teóricas – em torno da *Bildung* comum no círculo de eruditos do século XIX.

(25) Alguns exemplos podem ser encontrados nos programas dos semestres dos *Gymnasien* da Alemanha que eram publicados em revistas de filologia. No ano de 1860, por exemplo, os alunos do *Gymnasium* de Hanover discutiram os comentários de Ottfried Muller acerca das peças de Eurípedes, a função do coro na tragédia grega e os fundamentos da cenografia antiga (“Programme der Hannoverschen Gymnasien 1860” in *Zeitschrift für das Gymnasialwesen – Funfzehenter Jahrgang, erster Band*, p. 355-356. (BERLIM, Theodor Enslin Verlag, 1861. Hrgg: MÜTZELL, Julius).

(26) DAVEY, N., “Hermeneutics and Nietzsche’s early thought” in ANSELL-PEARSON, K. (ed.), *Nietzsche and modern German Thought*, p. 91.

inaugurado, assim, um novo caminho entre a modernidade e os gregos, e o modo pelo qual sublinhou a conexão entre formação cultural e a prática e a reflexão da filologia ainda estavam, nesse momento originário, nutridas pelo seu ideal de *Humanität*, cujo estudo deveria “levar a pura humanidade ao elevado aprendizado [zur hören Ausbildung reiner Menschlichkeit führen]”,²⁷ parecia muito próximo do ideal desenvolvido por Nietzsche em seus textos sobre a *Bildung*. O que estes textos passariam a acusar na tradição que se consolidou logo após tal momento foi exatamente o esquecimento – por força de interesses meramente corporativistas – desse vínculo. Entre Wolf e a linhagem de professores de filologia que lhe foi subsequente a distância tornou-se gradativamente maior na medida em que divergências internas passaram a ter lugar entre os filólogos. Entre as décadas de 1830 e 1840, o crescimento da filologia teve como contrapartida uma série de desentendimentos entre os professores.²⁸ A perda da unidade havia aberto espaço para a falsificação de uma dinastia.

Se a quase unanimidade entre os professores a respeito da importância de Wolf estava suficientemente acordada, o mesmo não se pode dizer do sentido e do significado gerais da prática da filologia como ciência. Pragmaticamente, essa prática estava dividida na Alemanha entre vários grupos, não apenas divergentes quanto a perspectivas metodológicas, mas mesmo politicamente inimigos, que buscavam em suas instituições formas de manifestar seu poder. Na medida em que a filologia se outorgava o direito de decidir sobre a *Bildung*, é fácil supor que a detenção desse poder de decisão não pode ter sido encarado de forma pacífica. Havia, por exemplo, uma hostilidade abertamente declarada entre os professores de filologia de Bonn – representados historicamente nas personalidades de Otto Jahn, com quem Friedrich Ritschl havia se indisposto seriamente, e Wilamowitz-Möllendorff, que atacara *O nascimento da tragédia* – e os de Leipzig – entre os quais

(27) WOLF, Fr. A., *Darstellung der Alterthumswissenschaft*, p. 10.

(28) Cf. WHITMAN, J., “Nietzsche in the magisterial tradition of German classical philology” in *Journal of the History of Ideas*, vol. 47, n. 3, p. 453.

se incluíam Ritschl e, por extensão, Nietzsche.²⁹ Em termos teóricos, o motivo de muitas das inimizades entre grupos de professores dizia respeito ao método de abordagem dos estudos da antiguidade.

Para uma parte dos professores de filologia e filólogos em geral, o exercício de sua disciplina deveria se fundamentar nos dados objetivos, históricos da antiguidade clássica para a sistematização de sua cultura. Essa espécie de “positivismo” filológico³⁰ exigia uma objetividade estrita e controlada metodologicamente, em que nenhum lugar para a personalidade do autor estava reservado. Jahn foi um dos maiores representantes dessa prática que ficou conhecida como *filologia da coisa*, *Sach-philologie*.³¹ Mas, evidentemente, não foi o único. Gottfried Hermann, autor de grande influência, bastante conhecido de Nietzsche – e algumas vezes por este criticado³² – havia se estabelecido como grande defensor da objetividade científica em filologia. Seus textos insistem nessa posição:

*“Como somente <há pouco> se começou a perceber que todo o conhecimento [Kenntniss] dos antigos enfim deve ser baseado na compreensão dos escritos que nos foram deixados, e, conseqüentemente, na exatidão gramatical e na correção crítica dos textos, a filologia se voltou para esse aspecto com excelente ímpeto e seguiu, assim, os passos dos ingleses em um ganho significativo na pesquisa das leis lingüísticas [Sprachegesetze], especialmente as dos escritores áticos”.*³³

(29) A querela entre Jahn e Ritschl levou este último a sua transferência de Bonn para a Universidade de Leipzig, e o fato de que Nietzsche tenha seguido seu professor nessa decisão parece assinalar bem o tipo de comprometimento exigido por tais partidarismos, mesmo que isso tenha sido criticado mais tarde em textos como *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. Sobre o confronto entre Jahn e Ritschl, cf. JANZ, C. P., *Friedrich Nietzsche. Biographie.*, Bd. 1, p. 154.

(30) O termo é utilizado por WHITMAN, J., *loc. cit.*, p. 464.

(31) Cf. DAVEY, N., *loc. cit.*, pp. 94-100.

(32) Cf. fr. 5 [33] (KSA VIII 49-50) e também a crítica de Nietzsche à supervalorização do conhecimento científico e intelectual em Hermann como “impulso artificial [Kunsttriebe] do homem” em KSA VIII 63, fr. 5 [87].

(33) HERMANN, G., *Recension von Herrn K. O. Müllers Eumeniden des Aeschylus* (1835), p. 10.

O motivo central da positividade do objeto filológico poderia variar amplamente, de acordo com as inúmeras concepções do significado desse objeto. Enquanto Hermann via na gramática dos povos a “imagem da verdade humana, o produto vivo do espírito humano”³⁴, August Böckh, por muitos considerado também um adepto da *Sach-philologie*, via na língua e em suas formas de regularidade apenas uma das partes a serem estudadas pela ciência da antiguidade, “a parte positiva [der sachlichen Theile]”³⁵, à qual deveriam se somar ainda variantes de ordem histórico-social. De todo modo, é na realidade e na autonomia do objeto filológico, na defesa de sua pré-existência – sobre a qual uma prática cientificamente estabelecida poderia se debruçar – que, em linhas gerais, esses autores poderiam encontrar pontos em comum. Wilamowitz-Möllendorff, aluno de Jahn e partidário da mesma metodologia, em seu panfleto contra *O nascimento da tragédia*, acusa Nietzsche de ignorar tais prerrogativas, de tornar o objeto da filologia algo confuso e estranho a ela. Seu tom violentamente jocoso procura apontar principalmente as imprecisões gramaticais e as incongruências conjecturais das teses de Nietzsche – enfim, seu desconhecimento em relação ao *cânone* filológico – e a maneira como elas se apóiam em “dogmas metafísicos” wagnerianos incompatíveis com a objetividade da ciência.³⁶ É com base nessa acusação que Wilamowitz-Möllendorff poderá exigir a Nietzsche que continue seu trabalho em outro lugar, mas longe da filologia e de sua atividade docente: “vá da Índia para a Grécia à vontade, mas desça da cátedra na qual deveria ensinar ciência”.³⁷

Contudo, essa aparente unanimidade entre os filólogos em torno da necessidade do estabelecimento da filologia como ciência rigorosa não escondia as

(34) VOGT, E., “Der Methodenstreit zwischen Hermann und Böckh und seine Bedeutung für die Geschichte der Philologie” in FLASHAR, H. et all (hrsg.), *op. cit.*, p. 116.

(35) *Idem*, p. 117.

(36) WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, U. von, “Zukunftsphilologie!” in Gründer, K. (hrsg.), *Der Streit um Nietzsches ‘Geburt der Tragödie’*, p.30.

(37) *Idem*, p. 55.

grandes diferenças de perspectiva a respeito do significado desse estabelecimento, e mesmo do significado da ciência mesma. Contra os partidários de uma objetividade obsessivamente perseguida pelos meios da história e da racionalização, uma outra corrente de filólogos, representados pela escola de Leipzig, pretendia encontrar na atividade científica um espaço legítimo para a personalidade do pesquisador. Ao materialismo de Jahn, Ritschl respondia, portanto, com uma metafísica do gênio, ou antes, do erudito, certamente mais sutil e restrita que a de Nietzsche, mas profundamente consolidada a partir da exigência ética de um rigoroso ascetismo a que todo aspirante a filólogo deveria se submeter e do qual, por isso mesmo, toda sua atividade teórica deveria ser um atestado. Essa tradição subjetivista da filologia era, na verdade, tão recente quanto a da *Sach-philologie*, e se esta última havia herdado de Wincklemann, e depois de Wolf, o interesse por uma abordagem científica da antiguidade, aquela tentava conjugar essa mesma exigência ao *Lebenshorizont* que Herder havia estabelecido como divisa em seus primeiros textos.³⁸ Com isso não era absolutamente estranho aos eruditos em geral e aos professores de filologia em particular o posicionamento de Gottfried Bernhardt, aluno de Wolf, professor de filologia em Berlin e em seguida em Halle, que Nietzsche conhecia bastante bem:

*“A hermenêutica filológica é subjetiva, heterogênea [ungleichartig], progressiva; seu fim último [letztes Ziel], uma compreensão condicionada, seu verdadeiro ponto central e de convergência é somente o clássico e o mestre, ambos em seus povos. Ela deve ser subjetiva tanto para as nações e suas épocas quanto para os indivíduos e suas idades”.*³⁹

(38) Cf. DAVEY, N., *loc. cit.*, pp. 95-97.

(39) BERNHARDY, G. *Grundlinien zur Encyklopädie der Philologie* (1832), p. 72. Mais adiante, Bernhardt trata da “crítica subjetiva”, em que o estabelecimento de um texto depende sempre da “natureza individual” dos que se debruçam sobre ele – daí a importância das investigações de tipo psicológico que determinam os erros pessoais, operados no corpo das obras antigas ao longo da história por aqueles que se tornaram responsáveis por sua canonização (cf. p. 148 e ss.).

Em linhas gerais, pode-se dizer que a essa corrente subjetivista ainda se somavam nomes importantes da moderna filologia clássica alemã, como o de Friedrich Hoffmann – editor de algumas obras de Wolf, como a *Darstellung der Alterthumswissenschaft* – e, em maior ou menor grau de comprometimento, o de August Böckh, professor de história antiga em Berlim que exerceu grande influência sobre o pensamento de Jacob Burckhardt. É claro que não se deve exagerar essas alianças – sempre muito frágeis, sujeitas a revisões de ordem teórica ou política – para fazer surgir uma hegemonia das metodologias científicas da filologia do século XIX que, de fato, nunca existiu. Assim, um autor com forte tendência “positivista” como Hermann, na medida em que pontuava a tarefa da filologia a partir da crítica gramatical, ainda poderia encontrar em Böckh, à primeira vista partidário de um historicismo radical, ao menos em um primeiro momento, um aliado importante na construção de uma metodologia para a *Alterthumswissenschaft* como projeto cosmopolita, ainda que depois o tenha acusado de diletante.⁴⁰ O que se pretende apenas indicar aqui são os esquemas gerais – e, por isso mesmo, deficientes – de uma economia da prática filológica que nenhum profissional da área poderia, a gosto ou contra-gosto, deixar de reconhecer.

2. QUATRO TESES DE NIETZSCHE SOBRE *BILDUNG*, FILOSOFIA E PEDAGOGIA

Nietzsche parecia conhecer o suficiente do horizonte da filologia alemã de sua época e, se não se envolveu de forma particularmente efetiva em seus conflitos, certamente não estava completamente alheio a eles. Os títulos presentes em sua biblioteca pessoal, incluindo inúmeras revistas especializadas – palco privilegiado do debate entre filólogos personalistas e positivistas – testemunham até que

(40) Para uma história do conflito metodológico entre Hermann e Böckh, que Ernst Vogt considera equivalente da ‘guerra filológica de Bonn’- entre Ritschl e Jahn – cf. seu texto, anteriormente citado, pp. 103-121. Vogt tenta mostrar que, entre os dois autores, é o próprio conceito de língua [*Sprache*] que está em questão, e não apenas divergências e convergências acerca do caráter metodológico de sua atividade científica. É exatamente esse tipo de diferença mais profunda, conceitual, que uma leitura das correntes filológicas do século XIX pode acabar por ignorar.

ponto seu interesse pela pesquisa da antiguidade o manteve atualizado quanto aos impasses teóricos e políticos de seu *métier*.⁴¹ Talvez seja um exagero afirmar, como fez Christian Benne, que Nietzsche foi um filólogo absolutamente típico de seu tempo, que se dedicou de boa vontade, “talvez demasiada boa vontade”, à crítica conjectural predominante na época como tendência em filologia.⁴² Mas o fato é que boa parte daquilo que em seus textos dos primeiros anos de professorado é visto, desavisadamente, como dissonante em relação ao seu horizonte cultural, ao ser confrontado com a produção intelectual especializada desse período, acaba por se revelar como a subscrição em uma tradição bastante específica e nada incomum.

A conferência inaugural de Nietzsche em Basileia, em 1869, determina os limites dessa subscrição: para falar da personalidade de Homero, um dos problemas fundamentais da filologia clássica, Nietzsche lança mão de quatro importantes teses sobre o significado e as premissas de sua profissão. Dessas, três parecem servir como testemunho de sua filiação em uma ou outra tradição filológica corrente, e somente a última atesta, de fato, a grande diferença entre seu projeto de reforma cultural e a tradição magisterial da Alemanha do século XIX. É preciso se deter um pouco sobre essas teses se se quer compreender melhor as circunstanciais aproximações e a definitiva ruptura de Nietzsche nesse contexto.

O primeiro ponto sobre o qual Nietzsche insiste em sua conferência é um lugar comum muito difundido entre os intelectuais alemães da segunda metade do século XIX e ao qual já nos referimos aqui: o de que entre filologia e *Bildung* há uma conexão efetivamente estreita, colocando a primeira na direção que, invariavelmente, leva à segunda. Desde Wolf, pelo menos, essa intimidade estava suficientemente estabelecida, embora seja possível encontrá-la sub-repticiamente bem antes na literatura alemã, como em muitas passagens de Goethe e Schiller, para os quais o caminho para o homem cultivado passava pela Grécia e por Roma, e, portanto, por um certo esforço de interpretação dos textos clássicos. Mesmo antes, já

(41) Cf. DAVEY, N., *op. cit.*, pp. 91.

(42) Cf. BENNE, Ch., *Nietzsche und die historische-kritische Philologie*, p. 4.

no começo do século XVIII, a importância institucional do classicista estava apoiada nessa relação: mesmo sendo menos celebrados que os juristas, por exemplo, seu prestígio lhes garantiu praticamente o domínio do quadro administrativo do *Gymnasium* e o poder de decisão sobre seu currículo.⁴³ E depois, ao longo do século XIX, as mudanças que seu corpo de profissionais haveria de experimentar, ao mesmo tempo em que foram consideradas com reticência por uma parcela mais conservadoramente aristocrática – que, em linhas gerais, incluía Nietzsche – por outro lado funcionaram como catalisadoras para os processos de reforma que se seguiriam em outras disciplinas e garantiram à filologia, assim, o *status* de precursora. A tentativa do neo-humanismo de resguardar o estatuto social do filólogo, ameaçado por uma crítica agressiva e crescente das universidades e seus integrantes como inaptos para a formação cultural, apenas parece ter reforçado, ou mesmo ampliado, o copertencimento da filologia e da pedagogia. Ao modernizar a função social do erudito, por meio de um estreitamento de sua dependência com a universidade como único lugar legítimo de sua formação e atividade profissional, a reforma neo-humanista pôde aparecer para Nietzsche como a origem de uma deplorável tradição corporativista, mas, aos olhos de uma nova classe de filólogos ela delimitava, definitivamente, o lugar da relação entre a *Bildung* e o ensino clássico.

À parte tudo isso, o que aqui é interessante é a maneira pela qual Nietzsche investe essa relação de uma força originária – o poder da *Ursprung* – e como essa origem é constituída por elementos pulsionais, remetendo a forma de cientificidade da filologia à forma instintiva que todos os elementos partilham em sua origem pré-intelectualizada. Entre a *Bildung* e a hermenêutica filológica o que se compartilha é um *pathos*.

“Que esses instintos [Triebe] científicos estético-éticos completamente diferentes tenham se reunido sob um mesmo nome, sob um tipo de monarquia da aparência [Scheinmonarchie], se escl-

*rece, sobretudo, pelo fato de que a Filologia, desde sua origem [Ursprunge] e através de todos os tempos, foi ao mesmo tempo, pedagogia”.*⁴⁴

O fato de que a pedagogia é, afinal de contas, o verdadeiro rosto da filologia, é algo que qualquer intelectual alemão contemporâneo de Nietzsche não demoraria em admitir e até a recondução da cientificidade a uma origem pulsional poderia ser interpretada, mesmo que equivocadamente, como uma tendência materialista de sua hermenêutica, algo não completamente desconhecido na época.⁴⁵ Nenhuma surpresa, portanto, para os ouvintes de Basileia. Mais tarde, outros ouvintes, os dos cursos de Nietzsche, testemunharão a insistência com que a virtude pedagógica da filologia será submetida a critérios de ordem psicológica. Sua *Introdução aos estudos de filologia clássica*, ministrada no verão de 1871, se volta longamente sobre esse equilíbrio:

*“São possíveis entre os filólogos: 1.a inclinação [Neigung] pedagógica, 2.a alegria com a Antiguidade, 3.a pura avidez do saber [Wissengier]. É preciso que tudo isso venha se fundar no ser do ‘educador superior [höheren Lehrer]’. Aquele que não tem senão um impulso [Trieb], por exemplo, o pedagógico, não compreenderá a tendência [Tendenz] da Antiguidade clássica”.*⁴⁶

(44) *WdB* III, 157.

(45) Em 1861, a revista *Preussische Jahrbucher*, de Berlim, publicara um artigo anônimo intitulado “Philologie und Naturwissenschaft” que ilustra perfeitamente o que se considerava uma leitura materialista em termos pulsionais na época. O texto, de óbvia inspiração hegeliana, pretende que “a ciência da natureza e a filologia são os dois lados de uma única e mesma coisa, que trabalham em uma tarefa, que seu trabalho faz surgir uma concepção, se juntam em um fim” (p. 130-131). O autor desconhecido defende a idéia de que “o impulso [Trieb] para a verdade” (p. 132) se refina na direção de uma *Gesistswissenschaft* que subsume todos os instintos em uma forma superior de ciência. A diferença aqui é bastante clara, mas é compreensível que um ouvinte ocasional tenha confundido os dois pontos: em Nietzsche, o que o texto considera o fim mesmo da ciência, como o ultrapassamento da origem no sentido de um plano mais elevado cientificamente, é denunciado justamente como a *Scheinmonarchie*.

(46) *KGW* II-3, 366.

A crítica do corpo docente como obstáculo à formação dos estudantes parece, nesses termos, fazer funcionar um dispositivo genealógico que reconstrói a origem patológica que a estagnação das instituições de ensino pretende não revelar: a destruição da concepção ingênua e pré-estabelecida da relação entre pedagogia e filologia deve ser seguida pela compreensão de que a “*tendência* [Tendenz] pedagógica”⁴⁷ é a única e verdadeira propedêutica para o erudito, sem a qual ele se torna estéril – um imitador, e não um criador. Ela obedece a uma economia individual, e não institucional: à pergunta “Como alguém se torna filólogo?”⁴⁸ deve responder uma “reflexão pessoal, sobretudo a forte lembrança da preparação cultural [Bildungsgang], que é a mais instrutiva para cada um”. Afinal de contas, “um curso sobre pedagogia não serve para muita coisa”⁴⁹, é no amor pelos antigos, no contato com essa origem supra-histórica que se aprende a cultivar a inclinação pedagógica, e não no espaço auto-referente e limitado das cátedras universitárias. Somente a transformação anti-corporativista desses espaços pode garantir o resgate de uma verdadeira conexão entre *Bildung* e filologia.⁵⁰ Mesmo aí o tom de Nietzsche não é completamente dissonante em relação ao conjunto das especulações correntes em seu tempo em torno do sentido da formação clássica do aspirante a filólogo. Se tivermos em mente o acento colocado por Ritschl no treinamento psicológico de seus alunos – por uma via quase estoíca – é possível reconhecer algumas reverberações nas formulações de Nietzsche, alguns anos depois.

A segunda tese articulada na conferência inaugural amplia o problema da relação entre filologia e cultura: “As diferentes diretrizes fundamentais desta <a filo-

(47) KGW II-3, 369.

(48) KGW II-3, 366.

(49) *Idem.*

(50) Na mesma passagem, mais adiante, Nietzsche acrescenta: “É inverossímil que muitos cheguem à filologia por desejo pedagógico [pädagog.<ische> Gelüsten]. Na maior parte das vezes domina uma forte repulsa contra a profissão de professor escolar [Schulmeisterei]”.

logia> são seguidas em uma certa época com maior ou menor empenho, de acordo com o grau de cultura [Kulturgrade] e o desenvolvimento do gosto [Schmacksentwicklung] de cada período”.⁵¹

Se é preciso restabelecer a conexão entre ciência e *Bildung* sobre novas bases, o mesmo se dá entre aquela e a *Kultur*, e aqui o que ambas devem ter em comum é um certo modo de aproximação da linguagem. O horizonte intelectual de um povo tem como índice o grau de desenvolvimento do estudo de sua própria língua, e, para isso, o estudo das línguas antigas e seu *corpus* é o meio mais favorável. Esse é o caminho seguido pelos argumentos de Nietzsche, quase três anos mais tarde, em outra conferência, a segunda da série sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino. Ao fazer soar, pela voz do personagem do velho filósofo, a divisa “Tomem sua língua a sério!”⁵², o que se pretende é exortar esse duplo movimento. Por um lado, uma reforma da cultura deve passar por uma reforma da atitude para com a língua-mãe – “mas nossa língua-mãe é um domínio [Gebiet] com o qual o estudante deve aprender a lidar corretamente”.⁵³ Por outro, é através da observação meticulosa das línguas com as quais os povos produziram suas mais importantes obras, através das quais, portanto, eles revelaram sua cultura, que se encontra o verdadeiro modelo de cultura clássica, supra-histórico, medida ou índice de qualquer cultura verdadeira.⁵⁴ O cuidado com a língua, portanto, é o signo de um cuidado especial com a *Kultur*, na medida em que o que se deve enxergar na linguagem de um povo é seu caráter específico, o “não comum [Nichtgemeinsame]”⁵⁵, “a expres-

(51) *WdB* III, 158.

(52) *KSA* I, 676.

(53) *KSA* I, 677.

(54) Cf. *KSA* I, 682: “Como se pode então, através de uma olhada nesse modelo < dos estabelecimentos de ensino modernos>, ignorar espantosa a seriedade com a qual os gregos e os romanos consideraram e trabalharam sua língua [Sprache] desde o tempo de sua juventude (...)!”. E, mais adiante (*KSA* I, 683-684): “É preciso que se experimente como a língua [Sprache] é difícil, deve-se seguir o caminho de longas procuras e lutas, aquele que nossos maiores poetas cruzaram (...)”.

(55) *KGW* II-3, 389.

são da alma do povo [dem Ausdrucke der Volksseele]”.⁵⁶ Assim, a historicidade da *Kultur* se contrapõe pontualmente aos fundamentos invariáveis do estudo da língua: um povo encontra seu lugar em uma escala de desenvolvimento cultural na medida exata de sua relação com esses princípios. Também aqui Nietzsche parece estar, mais ou menos, de acordo com a tradição. O próprio estabelecimento da filologia como disciplina científica nos primeiros anos do século XIX tinha como pressuposto a relação entre os fundamentos universais para o estudo da língua e a cultura de um povo. Em suas lições sobre a ciência da antigüidade, Wolf, referindo-se aos gregos, formula a tese que permitirá aos ouvintes de Basileia escutar Nietzsche com alguma familiaridade:

*“Quando uma nação é, desse modo, original, e cria para si mesma uma cultura [und Cultur sich selbst schafft] é então na língua [Sprache] que se aprende a progredir em tal importância, por meio de um pensamento adequado, de modo mais claro e mais feliz”.*⁵⁷

De fato, a pergunta sobre o valor da filologia para a educação do povo – e não somente individual – encontrada em quase todo manual de filologia clássica do século XIX parece recorrer sempre, de uma ou outra forma, a esse aspecto indexador dos estudos da língua. Ao retomá-lo em sua conferência inaugural, Nietzsche pode esperar, portanto, mais a simpatia de sua platéia que uma polêmica com ela.⁵⁸

O mesmo não pode ser dito da terceira tese erguida nesse momento. Ela circunscreve a filologia praticada por Nietzsche em uma corrente mais específica, e com isso, está sujeita a inúmeras objeções por parte do círculo dos eruditos a

(56) KGW II-3, 390.

(57) WOLF, Fr. A., *Vorlesungen über die Alterthumswissenschaft*, Bd. 1, p. 32.

(58) Nietzsche conhecia muito bem as idéias desenvolvidas por Wolf, não apenas sua relevância histórica. As incontáveis e precisas referências aos seus textos durante os cursos de Basileia, especialmente nos primeiros anos e as notas tomadas a partir de várias obras de Wolf emprestadas na biblioteca em fevereiro de 1875 (cf. KSA XIV, 556) testemunham a importância dessa leitura.

que ela se dirige. Numa espécie de profissão de fé, ela parece indicar o repúdio da *Sach-philologie* e de toda forma de objetividade intelectual em ciência, ao mesmo tempo em que assinala seu aparente alinhamento com a filologia subjetivista de Ritschl, Bernhardt e outros ao sublinhar a importância da personalidade do filólogo para a correta apreciação de sua ciência: “o valor da filologia para a opinião pública depende muito da força [Wucht] da personalidade filológica”.⁵⁹ A metodologia científica de Nietzsche procura, desse modo, se reconciliar com a metafísica do gênio de Schopenhauer e Wagner, e mesmo os que não se subscreviam às idéias do filósofo ou do músico, ainda podiam encontrar aí um elogio da subjetividade e da personalidade certamente polêmico, mas perfeitamente aceitável, corroborado por uma tradição magisterial bem conhecida de seu público. O curso introdutório aos diálogos platônicos, ministrado no inverno de 1871-1872, não trazia, assim, nenhuma grande novidade ao reconhecer no texto filosófico a marca de uma personalidade.⁶⁰ De fato, a leitura das notas tomadas nos cadernos nesse período indica que a assimilação, até certo ponto, da metodologia subjetiva tinha uma função muito mais negativa e estratégica que o que se poderia esperar de um comprometimento: menos que recolher o acordo de seus colegas subjetivistas, o que a aparente aliança com eles parece pretender é atacar o advento de uma objetividade pragmatista em ciência que seria o sinal da mudança de paradigma do status do *Professor* na sociedade. Os positivistas ou “realistas” marcariam o limiar dessa nova era em que o intelectual deveria servir ao estabelecimento objetivo de uma nova ciência *útil*. É a essa recém-admitida parcela da sociedade, que vê, na universidade e na ciência que ela deve fomentar, a promessa de um *uso* prático ou meramente técnico para o seu saber que Nietzsche associa a corrente filológica que ignora a personalidade do pesquisador e as contingências de ordem subjetiva envolvidas em seu trabalho; é contra ela que sua conferência claramente se dirige: “(...) que autoridade podem ter os obstá-

(59) *WdB* III, 158.

(60) Cf. *Einleitung in das studium das platonische Dialoge*, KGW II-4, 8: “Deve-se tentar traduzir o homem Platão a partir do escritor (...)”.

culos dos ‘realistas’ [‘Realisten’] e as frases dos heróis do dia?”.⁶¹ Dois aspectos, contudo, podem passar como despercebidos aqui.

Em primeiro lugar, entre subjetividade e objetividade há menos uma relação de contraposição que de indiferenciação. O modo como a questão central da conferência é abordada – se Homero de fato existiu ou se sua personalidade é o resultado de inúmeras interpolações de um texto criado em conjunto, ao longo dos séculos, por vários e desconhecidos autores – marca sem equívocos a posição de Nietzsche: “se um conceito foi criado então a partir de uma pessoa, ou se uma pessoa a partir de um conceito”⁶², isso é completamente irrelevante, uma vez que esses dois níveis são intercambiáveis. Não é o sujeito-autor de uma obra ou o sujeito-interpretador da mesma que importam aqui, mas uma aproximação criativa com o texto e com a língua, uma filologia liberta dos limites impostos pelo organon da ciência, uma filologia filosófica e, sobretudo, artística. A circunscrição é muito mais negativa que positiva; em uma nota escrita entre outubro de 1867 e abril do ano seguinte, Nietzsche é bastante enfático quanto ao seu método de trabalho: “a subjetividade prevalece [Die Subjektivität prävaliert]”, mas, sobretudo, na medida em que esse método se afasta daquele desenvolvido pelo cientista natural, e, ainda mais pelo matemático – para esses, a divisa da subjetividade soa como um horror, “Greuel”, e marca a distância necessária entre uma e outra.⁶³ É como não-positivista que seu esforço pode ser compreendido como subjetivista, mas apenas pela ausência de uma definição mais apropriada; enfim, o que os historiógrafos chamam de subjetivo, denunciará a segunda *Consideração Extemporânea*, é simplesmente “tudo aquilo que a opinião pública não aceita como canônico”.⁶⁴

Em segundo lugar, a diferença sutil entre a forma de subjetividade defendida por Nietzsche e aquela admitida entre os eruditos não é suficientemente explícita

(61) *WdB* III, 160.

(62) *Idem*, 164.

(63) *HKG* III, 369.

(64) *KSA* I, 289.

a ponto de provocar o estranhamento de seus ouvintes. Se nesse momento ela não se mostra completamente, em outros ela será absolutamente clara e direta. Assim, não se deixará de criticar o erro de Ritschl – e de outros tantos filólogos ditos subjetivistas – que, aos olhos do recém-admitido professor, era justamente o de fazer de si mesmo o fim de sua atividade, o de confundir o gênio, que reúne em si toda a humanidade, com o vaidoso, que *reduz* toda a humanidade a si mesmo. Por isso, “o filólogo não é o fim [Zweck⁶⁵] da filologia”. Ou ainda:

*“A vaidade [Eitelkeit] é a inclinação [Neigung] involuntária a se dar como indivíduo quando não se é, quer dizer, como independente quando se é dependente. A sabedoria [Weisheit] é o contrário: ela se dá como dependente quando se é independente”.*⁶⁶

As críticas de Nietzsche a Strauss na primeira de suas *Considerações Extemporâneas* se nutrem dessa mesma diferença. Se Strauss é um imitador, um falsificador e um parasita dos grandes nomes da literatura alemã, isso se revela em sua pretensão em ser um Voltaire alemão⁶⁷, e na subsequente descoberta de que se trata de um “ator que faz o papel do gênio ingênuo e do clássico”.⁶⁸ Sua aparente ousadia intelectual, sua intermitente auto-referência acaba por se converter, sob a perspectiva da crítica de suas efetivas intenções, em covardia e auto-indulgência. O mesmo critério se aplica aos ataques contra o corpo institucional de eruditos, apontando que uma inscrição na tradição subjetivista da filologia clássica, se não é apenas aparente, é, certamente, muito tensa.

Mas é somente na quarta tese pronunciada em sua conferência inaugural que se pode enxergar uma ruptura definitiva de Nietzsche com a tradição magisterial alemã. Ela anuncia a via que *O nascimento da tragédia* deverá seguir um

(65) KSA VIII, 21, fr. 3 [22].

(66) KSA VIII, 32, fr. 3 [24].

(67) KSA I, 216.

(68) KSA I, 220.

pouco mais tarde e põe de sobreaviso aqueles que esperavam de um professor a gratidão para com seu meio. Para frustração daqueles que viam nele o futuro do desenvolvimento da filologia clássica como ciência, a tarefa com que investirá seu ensino, que não apenas vai de encontro aos critérios de cientificidade – objetiva ou subjetiva – de sua profissão, mas destrói completamente a autonomia do filólogo. No projeto de reforma da *Bildung* que cada um de seus textos parece reclamar nesse período, este último deve ceder lugar ao *artista*. Em outros termos, a filologia só pode se pretender uma verdadeira ciência se for, antes de tudo, *poesia* e sua unidade, aquela de cuja ausência já o começo da conferência indicava se ressentir⁶⁹, deve ser dada pelos princípios estéticos do espírito da arte. E é nesse ponto que suas idéias podem parecer inadequadas, e mesmo contraditórias, para o grupo de profissionais a quem elas são dirigidas. Sua quarta tese coloca todas as aparentes subscrições anteriores sob uma luz que pode lhes parecer inaceitável: sem a arte, lembra Nietzsche,

*“perdemos sempre a maravilhosa imagem, a fragrância específica da atmosfera antiga, esquecemos aqueles sentimentos impetuosos que, como graciosos condutores, guiaram nossos sentidos e gostos [Sinnen und Geniessen] com a força dos instintos [Instinkten] até os gregos”.*⁷⁰

Assim, não é suficiente para Nietzsche que uma obra filológica esteja formalmente ou cientificamente correta, ela precisa apresentar uma unidade estilística através da qual se possa reconhecer nela um critério correspondente, mas mais forte, que a inelutabilidade da verdade lógica: a imortalidade – e originalidade – de uma obra poética. Essa imortalidade sustenta seu pertencimento a uma linhagem que reúne Píndaro e Wagner. Nesses termos, a nova ciência da antiguidade, resultante de uma *Bildung* resgatada e reformada, não é matemática, não está encerrada

(69) Nietzsche denuncia na filologia de seu tempo a “necessidade de uma unidade conceitual” (*WdB* III, 157).

(70) *WdB* III, 159.

sob a objetividade de um conceito ou da psicologia do autor que o criou – nem a Odisséia, nem Homero, portanto – mas no *uso* criativo, artístico de um conceito ou Idéia. Uma tese filológica não vale mais apenas pelo que ela afirma, mas por tudo aquilo a que ela dá lugar ou que, poeticamente, faz surgir. Wilamowitz-Möllerdorff – e, em geral, toda a comunidade de eruditos – só pôde ver nesse recuo ao classicismo pré-científico um movimento não-filológico, uma pseudo-filologia, ainda que, para Nietzsche, ele fosse o único movimento capaz de realinhar a ciência com sua finalidade formadora.⁷¹

Toda concessão às tradições conhecidas da filologia alemã desvendam, afinal, seu fim último, reestabelecer uma outra tradição, mais antiga e ao mesmo tempo supra-histórica, incompatível com a primeira e desagregadora do próprio corpo de professores. O que desagrada os ouvidos dos que se voltam para Nietzsche é esse som estridente – que se tornará cada vez mais pungente a partir da canção de guerra que será *O nascimento da tragédia* – que teima em anunciar a chegada do Messias da nova ciência, esse incompreensível e inadmissível filólogo-filósofo-artista. Na verdade, sua grande ousadia, diante não só da tradição magisterial alemã de sua época, mas de praticamente todo seu público – seus alunos, seus colegas, seus leitores – foi a invenção desse amálgama que nenhuma ciência quer ou pode abrigar em si. É extremamente sintomático que a conferência inaugural tenha sido o lugar onde pela primeira vez vem à público a figura do *centauro*, com a qual Nietzsche caracterizará, mais tarde, seu primeiro livro.⁷² Essa efígie aos poucos escavaria sua distância com Wagner, que não queria ver sua arte sob o domínio da reflexão filosófica. Na mesma medida, não podia ser aceita pelos representantes de uma profissão que, independentemente do método utilizado, se alimentava da idéia da autonomia científica

(71) Na segunda *Consideração Extemporânea* essa posição é retomada quando se afirma que a cientificidade da história objetiva deve ceder lugar a uma abordagem da história como criação: “(...) somente quando a história [Historie] admite ser remodelada [umgebildet] como obra de arte, ou seja, se transformar em pura construção artística [reines Kunstgebilde] ela pode, talvez, preservar, ou mesmo despertar os instintos [Instincte]” (KSA I, 296).

(72) *Idem*, 160-161.

de sua disciplina. Quando Böckh inaugura em Berlim, em 1810, seu seminário de filologia, insiste exatamente na idéia de autonomia, tão fundamental à sua prática que deve mesmo lhe servir de propedêutica – só devem assistir às suas aulas aqueles “que se dedicam primeiramente à filologia, não aqueles que esperam seu desenvolvimento futuro a partir do exercício de outro ramo do ensino acadêmico”.⁷³ Mais, ainda: o neo-humanismo da *Alterthumwissenschaft* havia conseguido recuperar seu privilégio social por meio de uma ampliação de seus objetos; ele partiu do princípio de que a ciência da antiguidade não era apenas a aproximação rigorosa ou a leitura científica, exata e canônica dos textos antigos, como estava ameaçada de se tornar, mas uma aproximação e uma leitura em tais termos *de toda a experiência histórica da antiguidade*. A arte, a mitologia e a filosofia devem se submeter, portanto, a essa *Wissenschaft* fundamental – papel que a filologia parece ter efetivamente exercido entre Wolf e Ritschl. Sua importância e autonomia se refletiram institucionalmente, como comprova o fato de que Böckh, enquanto diretor de seu seminário em Berlim, não devia mais responder aos diretores de outra faculdade, como até o final do século XVIII – à faculdade de filosofia, sobretudo – nem a quaisquer outros membros da universidade, mas diretamente ao ministro da educação prussiano.⁷⁴

A proposta de Nietzsche para uma reforma da *Bildung* é uma inversão dessa economia e um contra-projeto em relação ao neo-humanismo. Ela tem como passo inicial esse esboroamento dos limites da ciência da antiguidade, que há quase um século seus pesquisadores se dedicavam a resguardar: é o domínio, *Gebiet*, da atividade filológica que a crítica da conferência inaugural, sob a exigência de uma economia maior que a dela mesma – a da crítica da cultura em geral –, precisa tornar ilegítimo. Segundo essa crítica, “a filologia clássica não é, por si só, um domínio consistente [bestehendes Gebiet]. (...) Somente no conjunto de nosso desenvolvimento literário e cultural ela tem seu lugar”.⁷⁵ Nada poderia soar mais contraditório-

(73) Citado em TURNER, R. S., *op. cit.*, p. 463.

(74) *Idem.*

(75) PÖSCHL, V., “Nietzsche und die klassische Philologie” in FLASHAR, H. et all (hrsg.), *op. cit.*, p.147.

rio a um *Kulturkreis* que via no jovem professor de Basileia a esperança de grandes contribuições para o que poderia ser considerado a *causa filológica*.

O filólogo, portanto, cede sua cátedra ao poeta – ou, ao menos, faz dela o palco onde sua pesquisa é porta-voz de uma mensagem vinda de outra parte. É Goethe e Hölderlin – e não Wolf ou Ritschl, como era de se esperar – que Nietzsche parece ter em mente quando se refere aos modelos de uma filologia reformada, aquele refletido na figura do filólogo como “artista recriador [*nachschaffende Künstler*] e não como homem”.⁷⁶ Exatamente esse recuo, na direção de um classicismo muito anterior – mesmo supra-histórico – em relação à filologia pretensamente clássica, foi o responsável pelo sentimento de traição que seus colegas experimentaram diante de suas idéias, e que lhe custaram, de forma significativamente semelhante ao que antes acontecera a Schopenhauer e a Wagner, o silêncio adverso de seus contemporâneos. Se é verdade, como afirma a conhecida frase de Karl Reinhardt, que “a história da filologia não reserva nenhum lugar a Nietzsche: ele não conseguiu lhe trazer suficientes contribuições positivas”⁷⁷, isso se deve em grande parte a essa indiferença. De fato, poderíamos superestimar o valor de suas publicações filológicas ou de seus seminários se quiséssemos resgatar neles alguma proposta relevante à prática estrita da filologia; mas, do mesmo modo, compreenderíamos apenas parte do problema da formulação de uma filosofia da cultura nos primeiros textos de Nietzsche se ignorássemos a real importância da atividade filológica – de suas tradições, impasses e debates – que eles têm como horizonte social mais imediato. Esse é o horizonte que formará muitos dos conceitos operados em seu esforço de reconstrução da idéia de cultura, tanto antes quanto, muitas vezes, depois que esse esforço se desvinculou do projeto de reforma da *Bildung*. Viktor Pöschl parece ter razão ao apontar que é o sentido da

(76) KSA VIII, 122 – fr. 7 [2].

(77) REINHARDT, K., “Die klassische Philologie und die Klassische”, citado por BORNEMANN, F., “Anekdoten Nietzscheana aus dem philologischen Nachlaß der Basler Jahre (1869-1878)” in VENTURELLI, A. et al. (hrsg.) *Centauren-Geburten* : *Wissenschaft, Kunst und Philosophie beim jungen Nietzsche*, p. 70.

atividade filológica e não seu protocolo institucional que importa aqui: um *ethos* que poderia ser encontrado em outra parte além das publicações especializadas – suas lições em Basiléia, suas conferências e escritos em geral.⁷⁸ Também Christian Benne chama atenção sobre esse aspecto, quando escreve que “o conceito de filologia de Nietzsche, tanto quanto seu conceito filológico de texto manifesta-se como chave (mesmo que não como chave geral) para um trabalho que reconhecidamente tem muitas entradas”.⁷⁹ Mas, no contexto de sua posição profissional e das expectativas criadas em torno dela, essa heterodoxia só poderia ser considerada exatamente como foi – uma traição.

RESUMO

Para compreendermos a evolução de uma filosofia da cultura nos primeiros escritos de Nietzsche, é necessário que indiquemos quais eram as posições articuladas em seus primeiros anos de ensino em Basiléia, especialmente no que diz respeito à conexão entre Bildung e atividade filológica, na medida em que essa atividade estava estabelecida pela tradição geral magisterial que teve lugar entre o classicismo tardio e os conflitos acerca dos procedimentos metodológicos erguidos pelos professores de filologia ao longo do século XIX. Algumas vezes as relações que Nietzsche construiu com essa tradição são consideradas globalmente como uma rejeição de seus princípios e fundamentos, apesar de alguns esforços recentes terem sido feitos no sentido de equilibrar essa concepção, identificando nela uma certa ambiguidade entre desaprovação e apropriação de alguns aspectos da tradição magisterial. Este artigo avança no sentido desse esforço ao fornecer uma investigação mais detalhada de como exatamente uma tradição magisterial filológica foi criada e desenvolvida na Alemanha e que divergências dentro dela mesma contribuíram em alguma medida para a visão de Nietzsche acerca da cultura, educação e pedagogia – considerada tanto prática quanto teoricamente.

Palavras-chave: Nietzsche, Bildung, pedagogia, cultura.

(78) Cf. PÖSCHL, V., *loc. cit.*, p. 145.

(79) BENNE, Ch., *op. cit.*, p. 2. Mais adiante, Benne aponta como fundamento para o procedimento genealógico dos textos mais tardios de Nietzsche a prática da reconstrução das *emendatio* através da crítica conjectural filológica que ele procurou exercer em sua profissão desde os primeiros anos (cf. pp. 96 e ss.).

ABSTRACT

To understand the evolution of a philosophy of culture in Nietzsche's first writings we need to point out which were the positions articulated in his early teaching in Basel, especially regarding the connection between Bildung and philological activity, insofar as this activity was established by the general magisterial tradition that took place between late classicism and the struggle on the methodological procedures raised by philology scholars throughout the 19th century. Often the relations Nietzsche had built with this tradition are considered, as a whole, a rejection of its statements and grounds, although some recent efforts have been made to balance this, identifying in them a certain ambiguity between disapproval and appropriation of some aspects of magisterial tradition. This paper advances in this effort by providing a closer investigation of how exactly a philological magisterial tradition was created and developed in Germany and which were the main divergences within itself that contributed to some extent to Nietzsche's views on culture, education and pedagogy – both practically and theoretically thought.

Keywords: Nietzsche, Bildung, pedagogy, culture.

Recebido em 04/2008

Aprovado em 06/2008

Bibliografia

ANDLER, Ch., *Nietzsche, sa vie et sa pensée*, 3 vol., Paris : Gallimard, 1958.

BENNE, Ch., *Nietzsche und die historisch-kritische Philologie*, Berlin und. New York: Walter de Gruyter 2005

BERNHARDY, G., *Grundlinien zur Enzyklopädie der Philologie*, Halle : Eduard Anton, 1832.

BORNHEIM, G., “Introdução à leitura de Winckelmann” in *Páginas de filosofia da arte*, Rio de Janeiro: Uapê, 1998.

BORNMANN, F., “Anekdota Nietzscheana aus dem philologischen Nachlaß der Basler Jahre (1869-1878)” in VENTURELLI, A. et all. (hrsg.) *Centauren-Geburten* : *Wissenschaft, Kunst und Philosophie beim jungen Nietzsche*, Berlin/ New York: de Gruyter 1994

CREUZER, Fr., *Zur Geschichte der Classischen Philologie*, Frankfurt a. M.: Joseph Baer, 1854.

DAVEY, N., "Hermeneutics and Nietzsche's early thought" in ANSELL-PEARSON, K. (ed.), *Nietzsche and modern German Thought*, London: Routledge, 1991.

EMDEN, Ch. J., "The invention of antiquity: Nietzsche on Classicism, Classicality and Classical tradition" in BISHOP, P. (ed.), *Nietzsche and antiquity*, New York: Camden, 2004.

FLASHAR, H., "Die methodisch-hermeneutischen Ansätze von Friedrich August Wolf und Friedrich Ast" in FLASHAR, H. et al (hrsg.), *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert*, Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.

GIRARDOT, R.G., *Nietzsche y la filología clásica*, Buenos Aires: EUDEBA, 1966.

GOETHE, *Sämmtliche Werke in dreissig Bänden*, Stuttgart e Tübingen: Cotta, 1850-1851.

HERDER, J. J., *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*, 2 Bd., Berlin und Weimar: Aufbau, 1965.

HERMANN, G., *Recension von Herrn K. O. Müllers Eumeniden des Aeschylus*, Leipzig: Ernst Fleischer, 1835.

JANZ, C. P., *Friedrich Nietzsche. Biographie*, München: Hanser, 2ausg.,1993.

KAUFMANN, T., "Antiquarianism, the History of Objects and the History of Art before Winckelmann" in *Journal of the History of Ideas*, Vol. 62, No. 3, Jul., 2001, Jul., 2001.

MÜTZELL, J.(hrsg.), "Programme der Hannoverschen Gymnasien 1860" in *Zeitschrift für das Gymnasialwesen – Funfzehenter Jahrgang, erster Band*, Berlin: Theodor Enslin Verlag, 1861.

NIETZSCHE, F., *Briefwechsel*, Hrgb. Colli, Montinari, 16 Bände, Berlin und New York : de Gruyter, Bl 1974-84 (=KGB).

_____, *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe in 8 Bänden*, Hrg. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Munchen, Berlin und New York: Deutscher Taschenbuch Verlag und Walter de Gruyter, 1986. (= KSB).

_____, *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*, Hrg. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Munchen, Berlin und New York: Deutscher Taschenbuch Verlag und Walter de Gruyter, 1980. (= KSA).

_____, *Werke. Kritische Gesamtausgabe* Herausgegeben, bzw. begründet von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Berlin/New York :Walter de Gruyter, 1967ff. (=KGW).

_____, *Werke - Historisch-Kritisch Gesamtausgabe*, 5 Bände, Hrg. von H. J. Mette und K. Schlechta, München : C. B. Beck, 1933-1942.(=HKG).

_____, *Werke in drei Bänden*, Hrg. von K. Schlechta, München: C. Hanser, 1956 (=WdB).

PÖSCHL, V., "Nietzsche und die klassische Philologie" in FLASHAR, H. et all (hrsg.), *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert*, Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.

TURNER, R. S., "Historicism, Kritik, and the Prussian Professoriate, 1790 to 1840" in BOLLACK, M. und WISMANN, H., *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert II*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.

VOGT, E., "Der Methodenstreit zwischen Hermann und Böckh und seine Bedeutung für die Geschichte der Philologie" in FLASHAR, H. et all (hrsg.), *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert*, Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.

WHITMAN, J., "Nietzsche in the magisterial tradition of German classical philology" in *Journal of the History of Ideas*, vol. 47, n. 3, Jul-Sep, 1986.

WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, U. von, "Zukunftsphilologie!" in Gründer, K. (hrsg.), *Der Streit um Nietzsches 'Geburt der Tragödie'*, Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1969.

WINCKELMANN, J. J., *Sämtliche Werke*, Donaueschingen: Verlag deutscher Classiker, 1825.

WOLF, Fr. A., *Darstellung der Alterthumswissenschaft*, Leipzig: August Lehnhold, 1833.

_____, *Vorlesungen über die Alterthumswissenschaft*, Leipzig: Verlag der Lehnhold'schen Buchhandlung, 1839.